



LER E ESCREVER NA ALDEIA LOBÓ: REGISTROS DO INGRESSO NA CULTURA ESCRITA JUNTO AO POVO PAITER SURUI

*Carolina Patihweiway Suruí

**Josélia Gomes Neves

Página | 1

Resumo – Este texto apresenta os resultados parciais de um estudo produzido e concluído na iniciação científica, PIBIC/UNIR/CNPq no ciclo 2020-2021. Discute os processos iniciais de leitura e escrita em escolas indígenas. O objetivo principal foi compreender como as crianças indígenas, Paiter Suruí da Aldeia Lobó, Escola Indígena *Paiterey* estão aprendendo a ler e escrever tendo como base teórica os estudos de Ferreiro; Teberosky (1999), Neves (2009) e Mindlin (1985). A pesquisa de caráter qualitativo e documental analisou atividades retiradas de cadernos de estudantes que evidenciam pistas sobre o ingresso indígena na cultura escrita.

Palavras-Chave: Alfabetização Intercultural. Povo Paiter Suruí. Aldeia *Lobó*. Rondônia. Indígena.

Resumen - Este texto presenta los resultados parciales de un estudio producido y concluido en el PIBIC/UNIR/CNPq en el ciclo 2020-2021. Discute los procesos iniciales de lectura y escritura en escuelas indígenas. El objetivo principal fue comprender cómo los niños indígenas, Paiter Suruí de la Aldea Lobó, Escuela Indígena *Paiterey* están aprendiendo a leer y escribir teniendo como base teórica los estudios de Ferreiro; Teberosky (1999), Neves (2009) y Mindlin (1985). La investigación de carácter cualitativo y documental analizó actividades tomadas de cuadernos de estudiantes que evidencian pistas sobre el ingreso indígena en la cultura escrita. 550- 850 espacios

Palabras clave: Alfabetización Intercultural. Pueblo Paiter Suruí. Aldea Lobó. Rondônia. Indígena.

Introdução

O presente estudo constitui uma parte dos resultados do Projeto de Pesquisa: “Alfabetização Intercultural - estudos sobre os processos de compreensão da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia” correspondente ao ciclo 2020-2021 realizado na Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná.

O objetivo foi compreender de forma introdutória, como as crianças indígenas, do Povo Paiter Suruí estão aprendendo a ler e escrever na Escola Indígena Estadual de Ensino

* Estudante indígena do Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural - Universidade Federal de Rondônia patihweiway@gmail.com

** Docente no Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural Universidade Federal de Rondônia joseliagomesneves@gmail.com

ISSN 1678-8419 P@rtes (São Paulo) – publicado em 20/02/2023 – Disponível em:

<https://www.partes.com.br/2023/02/20/ler-e-escrever-na-aldeia-lobo-registros-do-ingresso-na-cultura-escrita-junto-ao-povo-paiter-suru/>

Fundamental (EIEEF) *Paiterey*, na Aldeia Lobó, Linha 11, Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal, estado de Rondônia.

Em relação à justificativa, a provocação para a realização do estudo ora apresentado, apoiou-se na necessidade de ampliar a compreensão sobre as aprendizagens iniciais do ler e escrever nas aldeias indígenas da Amazônia. Consideramos a alfabetização uma etapa formativa relevante, composta por um conjunto de atos inaugurais importantes para a compreensão e utilização da cultura escrita na atualidade.

Página | 2

Situamos esta proposição investigativa como uma pesquisa qualitativa uma vez que, “[...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível [...]”. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221). Neste caso específico, buscamos compreender as aprendizagens do ler e escrever protagonizadas pelas crianças indígenas Paiter Surui por meio da pesquisa documental. Um recurso de coleta de dados que possibilita o exame de materiais que ainda não passaram por processos analíticos (GIL, 2018).

A fonte de dados utilizada nesta investigação foram os cadernos das crianças, documentos escolares relevantes que contribuem para conhecer alguns aspectos da rotina pedagógica, principalmente porque “[...] traduzem práticas educativas [...]”. (MIGNOT, 2005, p. 41), que ocorrem/ocorreram no chão da sala de aula. Para este texto, selecionamos 3 (três) atividades produzidas por crianças indígenas da EIEEF *Paiterey*.

Em função da ocorrência da pandemia da covid-19, o Projeto de Pesquisa: “Alfabetização Intercultural - estudos sobre os processos de compreensão da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia” referente ao período 2020-2021 foi realizado de forma remota mediante o amparo na Portaria nº 544/2020 do Ministério da Educação (MEC). Na oportunidade, os encontros foram viabilizados por meio dos aplicativos WhatsApp e Google Meet no que diz respeito às relações universidade e comunidade indígena.

Sobre o ler e escrever na escola indígena com base em textos da prática social – reflexões a partir da Aldeia Lobó

Neste tópico, apresentamos uma breve análise sobre o uso social da escrita a partir de um texto produzido em língua portuguesa relacionado à Aldeia Lobó e como este tipo de material pode ser utilizado na sala de aula das escolas indígenas. Em nossos estudos discutimos a importância de entender a linguagem escrita como um objeto social e não apenas escolar, pois: “A aquisição da língua ocorre pela exposição nas trocas com a família e na

escola, pela instrução direta, quando as professoras explicam os termos desconhecidos, e pela leitura". (TEBEROSKY, 2020, p. 34).

Nesta direção, a localização do material intitulado: "Com apoio da Funai, etnia Paiter Suruí consolida produção de banana em Rondônia"¹ foi discutido no decorrer do projeto como recurso para ilustrar a reflexão sobre a escrita nas práticas sociais. Avaliamos que este gênero textual pode fazer parte da proposta docente no sentido de propiciar o contato das crianças com fontes escritas relacionadas aos contextos de sua comunidade de origem em suportes digitais. Como parte significativa das aldeias indígenas brasileiras têm cada vez mais ampliado o acesso à internet, é possível encontrar materiais semelhantes no espaço cibernético.

Assim, o texto sobre a produção de bananas pelos Paiter, trata de um registro do trabalho coletivo desenvolvido na agricultura, realizado na Aldeia Lobó sob a coordenação da liderança Ibjaraga Surui referente à sustentabilidade ambiental e econômica a partir da produção de alimentos. Do ponto de vista pedagógico, a exposição ampliada deste material por meio de retroprojetor multimídia, possibilita compreensões importantes sobre os suportes da cultura escrita. Assim, as crianças podem perceber que além do papel, na contemporaneidade cada vez mais diferentes sociedades têm produzido diversas formas de comunicação escrita com distintas finalidades em recursos tecnológicos como o computador ou aparelho celular.

Consideramos que as experiências atuais com materiais escritos impressos ou digitais relacionados ao mundo indígena, não são ignorados pelas crianças, uma vez que: "Desde pequenas, [...] pensam sobre a leitura e a escrita [...]. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado". (LOPES, 2010, p. 4). Estas percepções que fazem parte dos estudos produzidos por Emília Ferreiro (1985), atestam que a leitura e a discussão de um texto como este, nas turmas de alfabetização podem favorecer importantes saberes sobre o funcionamento da língua escrita (BRASIL, 1999), inclusive em contextos de bilinguismo: que letras servem para escrever a palavra "Surui", quantos sinais gráficos existem no termo "Rondônia", que "banana" pode ser representada também em língua indígena Paiter como "mokobah", dentre outros exemplos.

Neste sentido, por ser um texto extraído da realidade das crianças, contribui para uma reflexão qualificada sobre a escrita e suas funcionalidades sociais, na medida em que pode entrelaçar as relações entre a escrita fora e dentro da escola. Além do mais, constitui um

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/com-apoio-da-funai-etnia-paiter-suru-i-consolida-producao-de-banana-em-rondonia> Acesso em: 2 set. 2021.

gesto formativo que pode propiciar a formação leitora tendo em vista as exigências do mundo contemporâneo, pois: “Ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto etc., no momento em que se precisa realmente deles numa determinada situação de vida [...]”. (JOLIBERT, 1994, p. 15).

Assim, compreendemos que o processo de alfabetização em escolas indígenas, dentre outros elementos, exige uma sólida formação docente que leve em conta a relevância da cultura escrita na atualidade. E que nesta perspectiva, pode elaborar boas situações de aprendizagem tendo como ponto de partida a escrita produzida na própria comunidade. Deste modo, a reflexão sobre este objeto pode representar uma experiência com sentidos para as crianças que desde o início da escolarização irão entender as funções da linguagem escrita em português e na língua indígena.

Leitura e escrita na EIEEF *Paiterey*, Aldeia Lobó, Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal-RO

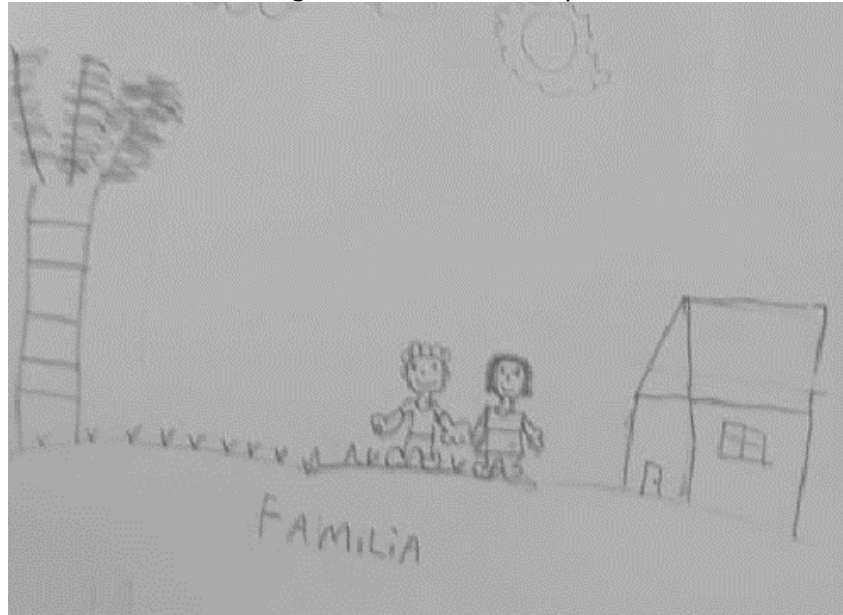
Além do espaço da comunidade, no período de agosto/setembro de 2020 e janeiro/fevereiro de 2021 conforme previsto no cronograma do projeto, procuramos localizar os escritos infantis para compreender a iniciação dos Paiter na cultura escrita. Vale salientar, que em decorrência da pandemia durante este período as escolas indígenas estavam fechadas. Em função disso, após os cuidados necessários, solicitamos de pais e mães de crianças indígenas a autorização para o acesso, seleção e registro fotográfico de atividades dos cadernos escolares pertencentes a crianças na alfabetização, 1º ao 3º ano do ensino Fundamental. Concordamos que estes materiais são “[...] fontes históricas de pesquisa, depositárias de discursos acerca do trabalho com a linguagem escrita em classes de alfabetização de crianças [...]”. (BECALLI; SCHWARTZ, 2017, p. 183).

A primeira atividade selecionada trata de um desenho localizado em um caderno de 1º ano do Ensino Fundamental. Sugere um cenário composto por uma palmeira, vegetação rasteira, uma moradia e um casal formado pela imagem de um homem e uma mulher, seguido de possível cópia da palavra “família” em língua portuguesa. Vale salientar, que o termo “família” sugere relação também com o estudo temático referente a introdução à organização social dos povos, assunto comumente discutido no começo da escolarização básica.

P@rtes

Em estudos anteriores sobre a aquisição da língua escrita em áreas indígenas, já foram observados a relação próxima entre desenho e grafia (NEVES, 2009). Entendemos que o desenho é um mecanismo possibilitador da participação infantil, uma vez que permite que seus saberes sejam mobilizados e resultem neste tipo de representação, ou seja, vai além de um simples complemento da escrita.

Figura 1 – Desenho e palavras.



Fonte: Dados da pesquisa

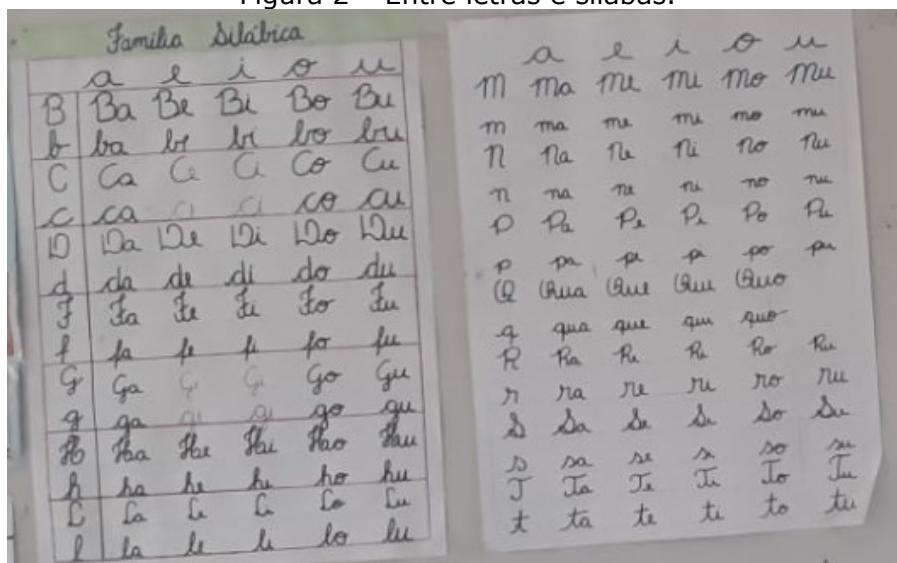
Outras leituras do campo construtivista evidenciam que no caso de produções espontâneas, as crianças no começo da alfabetização parecem não estabelecer diferenças entre desenho e escrita (WEISZ, 1985). Mas, embora sejam duas situações parecidas em relação à representação, elas não são iguais, pois, “No nível psicogenético, a escrita mantém relações muito estreitas com o desenho e com a linguagem, mas não é nem a transcrição da linguagem, nem um derivado do desenho.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 64). Podemos inferir por meio da imagem analisada, que nas escolas indígenas do Povo Paiter Surui, o desenho também está presente no processo de alfabetização. Funciona como um importante dispositivo de representação, na medida em que busca elementos da realidade para assegurar a produção de significados junto aos saberes escolares.

A segunda imagem que selecionamos para este texto, trata da apresentação das vogais seguidas de um conjunto de famílias silábicas em língua portuguesa com letras maiúsculas e minúsculas em formato manuscrito. Foi retirada de um caderno de criança do 1º ano do Ensino Fundamental. Explicita uma forma de materializar a alfabetização a partir do investimento

P@rtes

massivo na cópia e na memorização. No meio pedagógico, é conhecido como ensino tradicional tendo em vista a forte influência da antiga Carta de ABC (PERES, 2020). Neste formato didático, “[...] os êxitos na aprendizagem são atribuídos ao método e não ao sujeito que aprende.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 27).

Figura 2 – Entre letras e sílabas.



Fonte: Dados da pesquisa

Diz respeito, portanto, a uma amostra da presença da concepção empirista de alfabetização na escola indígena: “[...] um saber pronto, em que não há construção de novas realidades, sendo que o que for descoberto já se encontra presente na realidade exterior, transmitido por alguém que o domina”. (PENTEADO; JOSEFI 2018, p. 328). Para Paulo Freire (1989) essa forma de trabalhar foi interpretada como “educação bancária”, modelo pedagógico baseado na acumulação de informações. Assim, as crianças precisam memorizar ou decorar muitas sílabas geralmente sem compreensão do que estão fazendo. A mente infantil é vista como um depósito destes fragmentos e que em determinados momentos devem ser devolvidos da mesma forma.

A terceira atividade sugere uma maior participação das crianças na construção do conhecimento da leitura e da escrita. Estamos nos referindo à concepção construtivista de alfabetização, uma possibilidade formativa que considera os saberes infantis em um processo marcado por três etapas com características regulares que envolvem elementos linguísticos, culturais e educacionais:

Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas

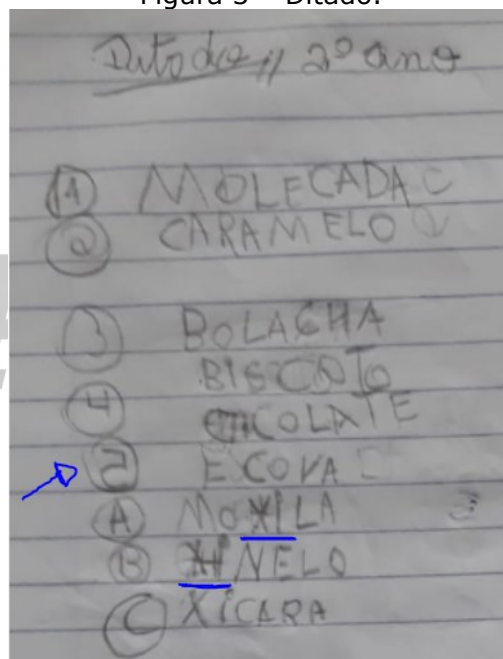
P@rtes

situações educativas e de diversas línguas. Aí, podem ser distinguidos três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões:

- distinção entre o modo de representação icônico e o não-icônico;
- a construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo);
- a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO, 1985, p. 18-19).

A 3ª imagem analisada trata de uma atividade de escrita e não de cópia, diz respeito a um ditado produzido por uma criança do 2º ano com o registro de 9 (nove) palavras: molecada, caramelo, bolacha, biscoito, chocolate, escola, mochila, chinelo e xícara. Destacamos as escritas de mochila, “moxila” e chinelo, “xinelo”, porque são produções apoiadas na oralidade, geralmente nesta etapa as crianças escrevem como falam.

Figura 3 – Ditado.



Fonte: Dados da pesquisa

Outra ocorrência observada na figura 4 é o fenômeno do espelhamento, ou seja quando as crianças grafam os símbolos de maneira invertida, caso do número 5 (cinco). Compreendemos que as grafias invertidas são comuns no período da alfabetização, a nosso ver não se configuram como patologia ou dificuldade de aprendizagem. No decorrer do processo formativo ele vai sendo superado para além de treinos repetitivos.

Nesta direção, assim como as crianças, o reexame de concepções deve estar presente nas pautas da formação docente, pois: “Cabe também ao adulto compreender que enganos e

erros fazem parte do aprendizado e que existe uma tendência de superação na medida em que a criança vai dominando as características do sistema de escrita". (ZORZI, 2000, p. 11). Assim, os Erros Construtivos dão pistas sobre os saberes dos aprendizes (NEVES, 2006), disponibilizam conhecimentos e necessidades de aprendizagem, por isso são importantes na alfabetização, pois: "Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado". (FERREIRO, 1985, p. 16).

O desafio nesta etapa do conhecimento é propiciar momentos para a ampliação da compreensão das crianças a respeito da convenção ortográfica. Esta situação exige um conjunto de intervenções pedagógicas adequadas oriundas de um criterioso planejamento didático. Dentre outras possibilidades, citamos a realização de cruzadinhas: "Isto porque, não tendo ainda compreendido a regra de geração do sistema de escrita, provavelmente a quantidade de quadradinhos da 'cruzadinha' não [irá] coincidir facilmente com as hipóteses dos alunos sobre a forma de escrever a palavra". (BRASIL, 1999, p. 84). O confronto entre a escrita produzida, o total de letras e os espaços da cruzadinha pode impulsionar novos desdobramentos cognitivos resultando no avanço das aprendizagens.

As três atividades analisadas foram todas produzidas em língua portuguesa embora a Aldeia Lobó utilize como primeira língua o Paiter Suruí. Uma situação que suscita preocupações, pois em contextos de bilinguismo, há múltiplas ocorrências de deslocamentos sociolinguísticos (BRASIL, 1998). Neste sentido, à medida que a língua dominante passa a ocupar os espaços comunicativos de forma cada vez mais hegemônicos, a língua materna vai sendo minimizada e o desfecho mais grave é o seu próprio desaparecimento.

Assim, a reflexão sobre a relação entre as línguas na escola é temática que não pode se ausentar das pautas de discussão da comunidade, da Organização dos Professores e Professoras Indígenas de Rondônia e Noroeste de Mato Grosso (OPIRON) e das agências formadoras no âmbito da profissionalização docente de caráter inicial e continuado, pois: "A escrita não é um mecanismo neutro, mas uma elaboração política e cultural, com possibilidades ou não de empoderamento das sociedades indígenas". (RUSSO; MENDES; FERNANDES, 2020, p. 12).

Considerações Finais

Neste texto apresentamos os resultados parciais de um estudo desenvolvido no âmbito da iniciação científica 2020-2021. A finalidade foi compreender de forma introdutória, como



as crianças indígenas, Paiter Suruí estão aprendendo a ler e escrever. Os resultados apresentados neste texto levaram em conta a análise de três atividades extraídas de cadernos escolares.

Foi possível observar que o processo de alfabetização na comunidade Lobó sugere elementos da concepção construtivista na medida em que envolve a participação infantil por meio da produção de desenhos que representam aspectos de seu universo cultural em dialogia com a escrita. Uma ocorrência que propicia a valorização de gestos autorais das crianças, bem como a inclusão de representações interculturais.

Verificamos ainda que há evidências consistentes de apropriação significativa do sistema de escrita em língua portuguesa ao lado de grafias não convencionais produzidas a partir da oralidade. Sabemos que no âmbito dos estudos construtivistas, o conhecimento sobre o funcionamento da língua escrita ocorre em uma perspectiva processual e os erros de grafia foram ressignificados. Nesta visão, evidenciam formas de pensar do aprendiz, elementos importantes para o trabalho docente.

Por outro lado, percebemos que há registros que apontam para a continuação de práticas empiristas nas escolas indígenas no período da alfabetização, por meio da reprodução de letras, sílabas e palavras. Embora não sejam mais adotadas cartilhas na Aldeia Lobó, as marcas destes materiais permanecem nas atividades escolares. Possivelmente são vestígios dos modelos pedagógicos vivenciados pelas docências indígenas conforme expressam os memoriais a respeito de como aprenderam a ler e escrever (NEVES, 2009).

Avaliamos que o estudo pode representar uma reflexão importante para as discussões na própria comunidade Lobó, no movimento social, na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e na Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) considerando a importância das decisões sobre como devem ocorrer a relação entre as línguas Paiter e portuguesa na escola tendo em vista a importância da cultura escrita no mundo atual.

Referências

BECALLI, Fernanda Zanetti; SCHWARTZ, Cleonara, Maria. A hora e a vez dos cadernos escolares como fontes históricas de pesquisa sobre práticas alfabetizadoras. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p183-213, set./dez. 2017.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.



BRASIL. Parâmetros Curriculares em Ação. **Alfabetização**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1999.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 16 (2), p. 221-236, 2003.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a Alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

Página | 10

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed. Porto Alegre, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LOPES, J. R. **Caderno do educador**: alfabetização e letramento. Programa Escola Ativa. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

MIGNOT, A. C. V. Vitrine de guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar. **Resgate**, nº 14, 2005 p. 35-48.

MINDLIN, B. **Nós Paiter**. Os Suruí de Rondônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

NEVES, J. G. **Cultura escrita em contextos indígenas**. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista. Araraquara-SP, 2009.

NEVES, J. G. "Tudo certo como dois e dois são cinco": o erro construtivo em Matemática no Ensino Fundamental. **Psicopedagogia Online**, São Paulo, 2006.

PENTEADO, D. Z.; JOSEFI, A. H, B. Concepções e práticas docentes na alfabetização. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v. 13, n.2, p. 319-347, mai./ago. 2018.

PERES, E. Carta de Abc, de Antonio Maria Barker (Livraria Commercial, Pelotas, 1924). **Rev. HISTEDBR On-line**, v. 20, -SP, 2020.

RUSSO, K.; MENDES, L. C;; FERNANDES, G. N.. Desafios para a alfabetização no contexto das escolas indígenas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 25, p. 1-15, 2020.

TEBEROSKY, A. **Palavras às professoras que ensinam a ler e escrever** [livro eletrônico]. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

WEISZ, T. Repensando a prática de alfabetização – as idéias de Emília Ferreiro na sala de aula. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 1985.

ZORZI, J. L. As inversões de letras na escrita o "fantasma" do espelhamento. **CEFAC**, 2000.